



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ESTER MOURA SILVA

**A AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER NEGRA NOS CORDÉIS DE JARID
ARRAES**

GUARABIRA – PB
2018

ESTER MOURA SILVA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Francinete Fernandes de Sousa

GUARABIRA – PB
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Ester Moura.
A afirmação identitária da mulher negra nos cordéis de Jarid Arraes [manuscrito] : / Ester Moura Silva. - 2018.
37 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Francinete Fernandes de Sousa, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Mulher Negra. 2. Cordéis. 3. Estereótipo.

21. ed. CDD 305.4

ESTER MOURA SILVA

A AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER NEGRA NOS CORDÉIS DE
JARID ARRAES

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Licenciatura Plena em Letras, da
Universidade Estadual da Paraíba,
em cumprimento às exigências para
obtenção do grau de licenciada em
Letras.

Aprovada em: 15/05/2018.

BANCA EXAMINADORA

Francinete Fernandes de Sousa

Prof^ª. Dr^ª. Francinete Fernandes de Sousa (orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

João Irineu de França Neto

Prof. Dr. João Irineu de França Neto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Edilma de Lucena Catanduba

Prof^ª. Dr^ª. Edilma de Lucena Catanduba
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

RESUMO

Este trabalho objetivou estudar a representação da mulher negra nos folhetos de cordel da autora Jarid Arraes, uma análise de cordéis em que a mulher negra é vista e interpretada de modo positivo e que seu imaginário é diferente se contrapondo a maioria dos cordéis que retrata a mulher negra estereotipada e estigmatizada. Nos cordéis analisados, neste estudo, se percebe um imaginário diferente, mulheres que antes eram julgadas por serem mulheres, por serem mulheres e negras, hoje são colocadas num outro paradigma realçando os seus valores e garra para obtenção de seus objetivos. O estudo não pretendeu ser exaustivo, assim buscou fazer um estudo analítico dos folhetos da autora acima citada, um percurso de ordem bibliográfica que usou referências teóricas como CASCUDO (1984), SOUSA (2009), MELO (1999).

Palavras-chave: Mulher negra, Cordéis, estereotipada

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. SOBRE A MULHER NEGRA NA LITERATURA POPULAR.....	10
3. REFLEXÃO SOBRE A MULHER NEGRA E SUA IDENTIDADE NOS FOLHETOS DE CORDEL DE JARID ARRAES.....	13
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

Os folhetos de cordel fazem parte da cultura popular nordestina, sendo muito pesquisados nas universidades. Por ser uma cultura escrita e também oral com uma musicalidade e uma rima perfeita, seus autores contam histórias do seu cotidiano, ou seja, do que eles vivem, sentem e veem. Trata-se de um mundo imagético com variados temas baseados na vida do povo nordestino e de todo o Brasil.

Entende-se que a literatura de cordel é um gênero textual de modalidade tanto orais quanto escritas da língua, sendo contada e/ou cantada. Esta literatura surgiu no Brasil por meados do ano de 1881, como uma das manifestações da literatura oral, que se resume em estórias populares tradicionais (Cf. CASCUDO, 1984).

A cultura oral ou a literatura oral brasileira tem o pontapé inicial por Sílvio Romero (1851-1914), com os cantos populares do Brasil entre outros contos e livros sobre a cultura popular que agitou a todos, principalmente os famosos escritores; foi assim que outros autores começaram a estudar, primeiramente os eruditos (Cf. CASCUDO, 1984)

Este trabalho procura analisar os folhetos de cordel, enfatizando o imaginário referente à figura e identidade da mulher negra, sob o olhar do poeta popular, isto é, como a mulher negra é representada nos cordéis.

Nesse mundo do cordel, alguns autores retratam a mulher, sendo ela branca ou negra, a partir de diferentes visões. Entretanto, essa pesquisa objetiva analisar a mulher negra no cordel e como ela se identifica e se descreve em suas ações, vivenciadas no cotidiano. Foram escolhidos como objeto de estudo os folhetos de cordel da autora popular Jarid Arraes, uma mulher que se intitula negra e que escreveu cordéis bem diferentes do que somos acostumados a ler sobre a mulher negra.

A cordelista Jarid Arraes é nascida no Juazeiro do Norte, na região do Cariri (CE), em 12 de fevereiro de 1991. Escritora, cordelista e autora do livro "As Lendas de Dandara", publicou mais de 60 títulos em literatura de cordel. Vive atualmente em São Paulo. Seu site mostra um pouco da escritora nova e super dedicada ao que ela escreve. Por ser filha de descendente de negros, ela se considera negra e uma mulher muito à frente de sua época e uma das poucas mulheres que escrevem

cordéis sobre vários assuntos polêmicos que abordam questões de gênero (Aborto, assédio sexual, violência contra a mulher, machismo, sexualidade, racial entre outros).

O interesse por estudar os cordéis, especificamente com a temática da mulher negra surgiu pelo fato de observarmos que vários cordelistas escrevem sobre mulheres, brancas ou negras, negatizando estas mulheres. No entanto, os cordéis de Jarid Arraes, além de serem escritos por uma mulher negra, também falam sobre a mulher negra de modo a retratar sua figura numa perspectiva de valorização, ou seja, como a mulher negra lutou e ainda luta para ganhar espaços sociais e como ela sempre vem vencendo o preconceito contra todos que a ridicularizam, sempre dando a volta por cima e conquistando seu espaço na sociedade.

Esse estudo, assim, verificou a mudança na nossa literatura de cordel fazendo com que as pessoas não só observem o componente racista da mulher negra, mas os elementos segundo os quais a mulher negra vira uma guerreira, por passar os seus dias sofrendo preconceito e mesmo assim sempre levantando sua cabeça e mostrando ser uma mulher forte e guerreira.

Baseado nos trabalhos de Sousa (2009) e Melo (1999) os quais discutem sobre a mulher no geral e mulher negra no cordel, verificamos inicialmente que em certas épocas da história, a mulher negra é castigada e sofre muito preconceito tanto racial, como sexual e que na maioria das vezes, tais mulheres são usadas como objetos e muitas delas sofrem, morrem, pois não podem lutar contra a engrenagem perversa que as sufocam e desvaloriza.

Nos dias atuais, observamos que ainda existe muito preconceito retratados nos cordéis (Cf. Sousa, 2009), porém os cordéis que foram analisados, neste trabalho mostram a realidade da mulher, apresentando uma mudança significativa porque as mulheres lutam pelo seus direitos e transformam suas vidas e a vida de outras mulheres. Isto, no entanto, é uma luta travada diariamente pelo empoderamento da mulher e sobretudo da negra, que ainda almeja por sua liberdade plena.

Os poetas populares constroem uma imagem da mulher negra de acordo com os estereótipos da sociedade, nomeadamente no Nordeste brasileiro onde o cordel

tem grande repercussão. O poeta leva ao imaginário a mulher negra de uma forma pitoresca, miserável, transformando-a em criatura do mal, de exacerbação sexual, de deformidade na paisagem humana do Nordeste, como uma personagem fadada à naturalização do preconceito existente.

Assim, este artigo é o resultado da parcial da pesquisa bibliográfica feita com aprofundamento e elementos para outros estudos. Os itens destacados pretendem levar o leitor à compreensão dos elementos de naturalização do preconceito, mas sobretudo apontar para o sentido de positividade que é traduzido pela autora Jarid, às características da mulher negra.

2. SOBRE A MULHER NEGRA NA LITERATURA POPULAR

Referente à mulher negra na literatura, já existem trabalhos consolidados com a temática. No que se refere à cultura popular, especificando os folhetos de cordel verificamos ainda, poucos trabalhos em torno do da temática/ assunto. A literatura de cordel sobre a mulher começa a ser entendida por concepção a repulsa cristã, pois segundo essa linha de pensamento a mulher é temida por seu potencial perverso e ao mesmo tempo desprezível. Argumentando sobre a imagem feminina nos folhetos de cordel, vimos que as mulheres independentemente de sua cultura ou condições sociais, é vista por populares como uma mulher pecadora, como Eva, a qual indica sexualidade, maldade e cheia de artimanhas, ou como santa, Maria que é uma pessoa bondosa, carinhosa, fiel e bendita. Esse reconhecimento não é novo, uma vez que na literatura ela é muito representada. (Cf. DUBY; PERROT, 1990).

A discussão sobre a mulher negra nos folhetos de cordel foi encontrada no artigo de Melo (1999) que nos mostra de fato que nem sempre todos os cordéis falam de mulher propriamente negra, a autora procura destacar uma subversão dessa mulher aos valores estabelecidos pela sociedade. No estudo sobre personagens negras, a mulher não é levada a sério e nem carrega uma identidade feminina. A mulher é representada com vários complexos de estereótipos e preconceitos.

Os folhetos de cordel de modo geral remetem à figura feminina de origem rural e pobre embora o enredo possa ser desenvolvido na área urbana. O poeta popular mostra em seus folhetos suas lembranças de como a sociedade trata a mulher sendo ela de qualquer etnia e exagera na exacerbação de caricaturas da mulher negra.

O estudo de Sousa (2009) aparece como um mapeamento exaustivo do que dizem sobre a mulher negra nos folhetos de cordel. A autora chega a criar uma cartografia mostrando e categorizando o discurso preconceituoso dos cordelistas. No seu estudo, foram compulsados mais de 9000 (nove mil cordéis) e analisados com profundidade 36 (trinta e seis) folhetos de cordel. Eles foram separados através de categorias e não com tipos classificatórios, com base no

corpus e esferas em que a personagem negra é inserida pelos poetas. A autora destacou cinco categorias:

Feitiçaria: como exemplo “A negra velha da trouxa montada num bode preto” de José Costa Leite (1969) (Página, 4, p.2, apud, Sousa, 2009, p.77).

Tôda negra da Bahia
Gosta muito do xangó
Ninguém não sabe se ela
Nasceu lá ou se criou
O mundo todo ela “vira”
E só dirá que é mentira
Quem nunca Le avisou.

Comportamento Heróico: exemplo “A escrava Isaura” de Francisco Chagas Batista (1930) (Página, 20, p.2, apud, Sousa, 2009, p.90).

Isaura quanto criança
Era um anjo de pureza!
Parece que p1ra forma-la
Esmerou-se a natureza!
Querendo dar só a ela
De Venus toda a beleza.

Religião: exemplo “A macumba da Bahia” de Rodolfo Coelho Carvalho (1976) (Página, 8, p.1, apud, Sousa, 2009, p. 100).

Há a Doutrina da Umbanda
Com seus dogmas gerais
De Pontos, Cantares, prisma
Nos mais puros ideais,
Enquanto a velha Quimbamba
É a Macumba que manda
Nos “Terreiros” principais.

Corpo e deformidade corporal: exemplo “A Embolada da Nega Fulô” de Antonio Almeida Silva (s.d) (Página, 4; p.6, apud, Sousa, 2009, p.107).

Nega Fulô
tem um metro de canela
tem os beijos de gamela
a cabeça de cupim

a cara chata
 tem a venta de chiprão
 tem a bocade surrão
 e o cabelo pixaim

Sexualidade: exemplo “O gênio das mulheres” de Leandro Gomes de Barros (2002) (Página, 3, p.193, apud, Sousa, 2009, p. 107).

A morena magra e alta,
 Essa se julga sem falta,
 Sendo a mais pecaminosa
 Essa do olhar zorlho
 De uma belida no olho
 Jesus! Como é perigosa!

A autora destacou cada categoria para apresentar como a mulher negra é vítima de preconceito e tem uma imagem estigmatizada e retificada. Elas são apresentadas em cada cordel destacado pela autora, como a feiticeira que faz tipos de bruxarias; sexualidade, pois a mulher sempre foi vista como um pedaço de carne que será usada e depois descartada, uma vez que “é só um corpo”.

No trabalho de Sousa (2009) verifica-se que existe uma longa lista de preconceitos que perpassa o tempo e vai desde o primeiro cordelista, até os cordéis modernos. O estudo é interessante porque não deixa dúvida sobre a naturalização do preconceito racial. Tal trabalho foi, assim, fundamental para a minha pesquisa e por isto foi destacado no presente artigo.

Destarte no estudo que desenvolvi, optei por dois recortes básicos: mulheres cordelistas e os aspectos de positividade dada ao assunto: mulher negra.

A cordelista Jarid Arraes apresenta essa nova imagem da mulher negra, um novo tipo de cordel, considerado inclusive de cunho pedagógico que apresenta a mulher positivamente, tentando desconstruir uma imagem retificada, estigmatizada e racista que alguns cordéis apresentam. O imaginário muda e agora a mulher é guerreira e luta para conquistar seu caminho na sociedade. Os cordéis apresentam a identidade da mulher negra de maneira positiva para que

outras pessoas se sintam tocadas por seus folhetos e construam uma imagem diferente da mulher negra.

3. REFLEXÃO SOBRE A MULHER NEGRA E SUA IDENTIDADE NOS FOLHETOS DE CORDEL DE JARID ARRAES.

A história da escravidão da mulher negra tem início no Brasil, quando os portugueses chegaram ao país com vários negros que eram tratados como escravos que significa que um ser humano tem direitos de propriedade sobre outro. A mulher negra servia para trabalhar na casa dos seus donos como domésticas ou ama de leite e até mesmo como escrava sexual dos seus senhores. As negras naquela época não eram ninguém, sempre tratadas como bichos ou coisas insignificantes, que só serviam para serviços braçais.

Com o passar do tempo, depois da época da escravatura, a mulher negra continuou sendo vista com olhos preconceituosos e sofrendo sempre por causa da sua cor de pele e por ser negra. A sociedade sempre estava ressignificando, mas sempre de forma pejorativa todo o preconceito, não levando em conta a história de sofrimento e dor dos negros, particularmente das mulheres, pois elas eram ainda mais discriminadas e criminalizadas. (Cf. DUBY; PERROT, 1990).

Hoje em dia, no Brasil, discriminação racial é crime previsto na lei n. 7.716/1989 e maus tratos com qualquer tipo de mulher também é crime, pois a nossa sociedade em parte, mudou. As mulheres conquistaram direitos civis relevantes e isto também acontece com as mulheres negras. A mulher negra está lutando contra o preconceito racial e nos mostrando como ser reconhecida uma cidadã, que merece respeito da sociedade.

Corroborando com as ideias discutidas acima, neste tópico, vamos observar os folhetos de cordel de Jarid Arraes que vão nos mostrar a mulher se sobressaindo, conseguindo burlar todo tipo de preconceito e assumindo ser sim, uma mulher negra que acredita na sua história de sofrimento e de luta e que tem orgulho de ser negra.

A autora dos cordéis analisados deixa ensinamentos para que a outras pessoas leiam seus cordéis e vejam o quanto a mulher negra lutou e ainda luta pelo seu espaço na sociedade. A cordelista vem apresentar nos seus cordéis,

como a mulher venceu o preconceito e tenta se recuperar de todos os atos de racismo que as pessoas comentem contra as mulheres negras.

O primeiro cordel analisado “QUEM TEM CRESPO É RAINHA” Nele, a autora começa a falar sobre o preconceito.

Para quem não compreende
 Me disponho a explicar
 O problema do racismo
 Que a tudo quer mudar
 O cabelo é o primeiro
 E também o derradeiro
 Que o racismo quer barrar.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 01)

Encontramos, nessa primeira estrofe, a palavra racismo que é um grande problema e designa a noção de que umas pessoas são diferentes das outras em função da cor da pele. No folheto, a palavra “barrar” tem o significado de excluir com aquilo que a mulher negra tem de mais bonito que é o seu cabelo afro, pois as mulheres sofrem preconceitos com o seu cabelo desde a infância e a todo custo querem mudar para que a sociedade possa aceitar o seu cabelo. Mesmo a mulher caracterizada como negra, acredita que o racismo vai diminuir se ela mudar seu cabelo.

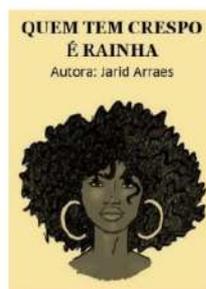
Tem uma tal de escova
 Que eu chamo “regressiva”
 Que estica o cacheado
 Na maior forma agressiva
 E a peste custa caro
 É por isso que eu falo
 Que essa praga é invasiva.
 (ARRAES, Jaris, 20--?, p. 01)

Na terceira estrofe, identificamos vocábulos como “regressiva”, “agressiva”, “praga” e “invasiva”. A autora os usou de forma espontânea para destacar o quanto o preconceito pode afetar a vida de várias mulheres: Quando elas esticam o cacheado de forma agressiva pode significar que ela está agredindo não só seu cabelo, mas a sua identidade, quem ela realmente é: Essa prática pode submeter

a existência de uma ferida que invade de um jeito que machuca, fere a alma da mulher.

Analisando, ainda, essa estrofe, verificamos que o preconceito e o racismo vêm de forma avassaladora e que quer a todo custo agredir as mulheres negras. A autora recupera estes vocábulos de maneira que a palavras grosseiras afetem reflexivamente os leitores desse cordel e possam nos conscientizar de que o racismo e o preconceito são coisas sérias e que prejudicam sim, a sociedade e principalmente a mulheres negras que sofrem todos os dias. A recuperação dos termos demonstram que eles só servem para ferir e acabar com a autoestima das mulheres que são vítimas deste tipo de discriminação.

No primeiro cordel analisado, “QUEM TEM CRESPO É RAINHA”, a décima estrofe nos oferece a possibilidade de refletir sobre a necessidade de dizer não ao racismo e de resistir a todo tipo de preconceito e agressão dentre eles e aqueles relativos ao tipo de cabelo e a cor da pele.



É por isso que devemos
 Aprender a dizer não
 Ao racismo alisado
 Cara lisa fi do cão
 Pois a nossa resistência
 É mais pura sapiência
 É nossa a revolução.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 03)

As palavras “resistência”, “sapiência” e “revolução” são vocábulos do campo semântico de luta e protesto, eles mostram como as mulheres negras são superiores aos estereótipos que circulam na sociedade sobre elas e como as mulheres e a sociedade vem evoluindo para tentar acabar com o preconceito e o

racismo que ainda insistem em existir, pois apesar das lutas, ainda há pessoas que mesmo sendo “intelectualizados” ainda tentam manter as mulheres negras em lugares de subalternidade, por falta de conscientização e também, pela tentativa de manter o *status co* de supremacia branca.

Na décima primeira estrofe, a cordelista expressa a sua opinião sobre o assunto que foi tratado desde o início do cordel que é o cabelo crespo da mulher negra e a sua afirmação do quanto o cabelo crespo ou cacheado é bonito e que as mulheres nem as crianças devem ter vergonha dos seus cabelos.

Eu começo por aqui
 Dando minha opinião
 Acho lindo esse cabelo
 Bem armado, bem altão
 Seja com cacho formado
 Seja bem mais encrespado
 Uma linda inspiração.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 03)

A décima quarta estrofe apresenta o quão precisamos tocar no assunto da liberdade e aceitação dos cachos, entende-se da cor da pele das mulheres negras e como precisamos ensinar desde cedo, as crianças a terem o seu orgulho de serem negra e cacheada ou crespa.

Ensinado às crianças
 Precisamos propagar
 A beleza de ser negro
 De o cabelo libertar
 A menina empoderada
 Dá início á alvorada
 Para a todos encantar.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 04)

As palavras destacadas “ensinando”, “propagar”, “libertar” nos mostram que as mulheres precisam lutar pelo que acreditam assim, se começa a ensinar desde pequeno, aos seus filhos e filhas para não desrespeitarem as pessoas por sua cor de pele, seu cabelo ou gênero, em especial o gênero feminino por serem mulheres. As palavras destacadas “empoderada”, “alvorada” e “encantar” propõem uma mudança de paradigma, são palavras que apresentam para ideia de

recomeço, conquistas e positivities. A mulher negra já está mudando toda a sua trajetória e sua vida.

A décima quinta estrofe apresenta um resgate ancestral da mulher negra que aborda a sua cultura africana.

E aí vem mais novidade
 Vem resgate do ancestral
 Vem turbante colorido
 Vem o lenço magistral
 Linda a africanidade
 Construindo a identidade
 De uma gente atemporal.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 05)

Está estrofe, em primeiro lugar, conduzem o leitor á reflexão sobre nossos ancestrais negros que sofreram e lutaram para que seus descendentes pudessem estar livres e vivendo de forma justa e correta, vivendo e mostrando a africanidade de cada mulher negra deixando sua cultura livre e apresentando a sociedade um pouco de sua cultura, incentivando cada vez mais a identidade de várias mulheres negras, revelando uma cultura antiga e muito significativa para a construção da sociedade brasileira.

A décima nona estrofe retorna à afirmação da mulher negra com seu cabelo e todo o seu corpo, uma mulher que sofreu, mas se reergueu e lutou pelo que ela sempre acreditou.

E o black muito Power
 Na altura é resistência
 O sinal de uma certeza
 Grande de resiliência
 O volume vai garfando
 E o poder vai aumentando
 Com imensa eficiência.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 06)

A mulher negra vem resistindo e lutando sempre contra o preconceito com a certeza de reerguer a sua vida e deixando de lado o racismo sofrido, e andando sempre de cabeça erguida mostrando sua cor e o seu "Black". O vocábulo

resiliência, nos apresenta a força da mulher que não desiste, diante dos obstáculos, que acredita que um dia a sociedade será igualitária e não preconceituosa.

Na vigésima sexta estrofe do cordel estudado, a autora vem reafirmar a identidade da mulher negra.

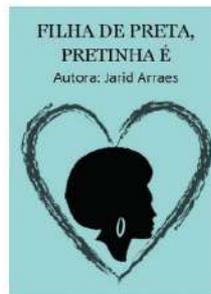
O amor pelo seu crespo
 É coroa pra reinar
 Imponente a aparência
 Negritude a ensinar
 A beleza escurecida
 De orgulho fortalecida
 Feita para acalentar.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 08)

A afirmação da mulher negra é muito forte nessa através da estrofe, pois a autora apresenta a beleza e a riqueza que é ser negra, o quanto as mulheres tem a ensinar para uma população que é tão analfabeta de cultura, que ainda resiste e tenta de todas as formas colocarem o negro como cidadão de segunda classe.

Resumindo, em seu cordel "QUEM TEM CRESPO É RAINHA" a autora inicia contando e explicando sobre a temática do racismo e do preconceito com o cabelo da mulher negra que se configura como cabelo cacheado, crespo ou ondulado. Com palavras fortes ela relaciona o cabelo da mulher negra com o tipo de cabelo liso que as meninas desde pequenas tentam ter e como são forçadas pela sociedade a terem que alisar os cabelos e como as meninas sofrem com pessoas que discriminam através de risos, xingamentos ou até agressões verbais, pelo fato delas apresentarem um perfil de cabelos que alguns denominaram ser "ruim". Assim, ela atribui sua opinião sobre a questão do racismo sofrido pela personagem, como o cabelo cacheado é lindo e como a beleza negra é importante, por retratar a origem, seja usado com lindos turbantes ou tranças etc. Isso sim é uma beleza negra que pode ser representativa da nossa africanidade.

O próximo cordel a ser analisado é intitulado FILHA DE PRETA, PRETINHA É. Cuja capa, mostramos logo abaixo Na vigésima estrofe do referido cordel, vê-se o relato do descobrimento da filha, junto com sua mãe sobre a

cultura do seus ancestrais africanos e início da descoberta da identidade da mulher negra.



Foram juntas dia a dia
 Muita coisa descobrindo
 Sobre identidade negra
 Tudo novo ia surgindo
 Desde a África antiga
 moderno convergindo.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 06)

O que chama atenção nessa estrofe é como a mulher negra não conhece a história de seus ancestrais, no entanto isto não é limite para que procurem, através de pesquisa sua ancestralidade. Na estrofe destacada, pode-se perceber uma forte posição sobre a mulher negra inteligente, que se preocupa com o conhecimento de que está mudando a forma como a filha e a mãe (no caso do cordel) se enxergavam e estão mudando o seu modo de se verem, identificando-se com as descendentes guerreiras que lutam por uma sociedade melhor.

Na vigésima primeira estrofe, a autora dá continuidade com a aceitação da filha e mãe em serem negras e a terem consciência de toda dor e sofrimento vivido.

Muito mais politizadas
 Com imensa consciência
 Se orgulhavam do cabelo
 E de toda a aparência
 Que era pura negritude
 E linda resiliência.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 06)

As palavras em destaque “politizadas”, “consciência” revelam como é importante conhecer a história da mulher negra e como ela conquistou todos os seus direitos na sociedade para viverem em um mundo de preconceito e de desaprovação da maioria da sociedade. A cada dia, as mulheres precisam dar a volta por cima e lutar por aquilo em que elas acreditam.

A vigésima quarta e vigésima quinta estrofes tratam da mudança não só da filha, mas também da mãe, pois as duas aprenderam juntas a superar e valorizar a sua cultura Africana.

Dona Cilene orgulhosa
 Percebeu com alegria
 Que pra ela igualmente
 A mudança existiria
 Superando seu passado
 Que o futuro se alumia.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 07)

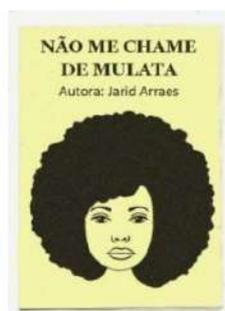
Mãe e filha conquistaram
 Um tesouro sem igual
 Com carinho e paciência
 Combateram grande mal
 Para além da aparência
 De maneira especial.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 07)

Tanto a mãe, quanto a filha aprenderam juntas o significado de serem negras e superarem todas as dificuldades que as mesmas viviam, deixaram de lado a parte de dor e sofrimento que vivenciaram, para viver um presente de muitas alegrias assumindo sua cor. Na última estrofe do cordel analisado, a autora descreve como as mulheres negras têm lutado para mostrar a sua cultura a seus filhos/as.

Com cabelo natural
 Muita garra e muita fé
 As mulheres que são negras
 Vão mantendo-se de pé
 Por isso, filha de preta
 Pretinha, pretinha é.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 08)

A autora reafirma a identidade da mulher negra, apontando o quanto as mulheres negras têm garra para a cada dia lutar por aquilo em que acreditam, transmitindo para futuras gerações suas conquistas e sempre se mantendo de pé, dizendo sempre que “filha de preta, pretinha é”. Para concluir a análise deste folheto, podemos dizer que a autora consciente ou inconscientemente, se volta para a ancestralidade. A relação de aprendizado mútuo entre mãe e filha nos remete para cultura repassada de pais para filhos na qual existe um respeito mútuo e há um elemento novo, porque a mãe (de certa idade) busca também, novos conhecimentos para se reconhecer identitariamente, deixando de apenas observar e se resignar com sua condição. O paradigma é de que a junção da experiência com a vitalidade da juventude negra, pode fazer avançar na conquista de direitos na sociedade moderna.

O próximo cordel a ser analisado cuja capa expomos aqui tem como título “NÃO ME CHAME DE MULATA”. Ele fala de como a palavra mulata atinge as mulheres negras e como elas sentem-se ofendidas por tal palavra, a autora nos questiona e assume sim ser negra apontando sua identidade forte e também como passou a se enxergar depois de toda mudança.



Na vigésima estrofe do folheto, a autora chega a apresentar a mudança que a mulher teve com a descoberta de toda a história da palavra “mulata” e como ela compreendeu o porquê de ser tão bem resolvida com a sua cor.

Mas a partir do momento
Que de tudo me toquei
Entendi o meu contexto
E enfim me empoderei
Tenho uma identidade
Forte essa integridade

Como negra me enxerguei.
(ARRAES, Jarid, 20--?, p. 06)

A mulher negra não aceita ser mulata porque o significado se origina de “mula” animal, burro, jumento que serve para carregar o peso das mercadorias de seus donos nas cotas. Há uma simbologia interessante, pois durante muito tempo, na época da escravidão homens e mulheres negros escravizados eram sim, carregadores de pesos, de mercadorias e apanhavam como os animais. A mulata tem também uma conotação sexual, pois não sendo a negra “legítima” que é representada como a feiticeira, deformada, é a “gostosa”, aquela que o homem pode usar e abusar. Esta representação é bem usada pela mídia e no carnaval (Cf. estudo de Sousa, 2009) e no cordel da autora em estudo é utilizada para desconstruir o mito.

Essa palavra “mulata”
Ela não me representa
Não sou cria de jumento
Nem de burro sou rebenta
Eu sou filha duma gente
Corajosa e imponente
Com história opulenta.
(ARRAES, Jarid, 20--?, p. 06)

Assim, fica demonstrado que a mulher negra, não aceita estereótipos, ou seja não se enquadra como subserviente, nem objeto sexual, ela descobriu sua identidade e enxergou todo um passado de lutas e com a integridade forte tem autoridade sim, para mudar sua vida e seus propósitos. Na vigésima primeira estrofe, ainda, a autora expressa a sua opinião em ser negra e o que a história de seus ancestrais significa na representação de sua vida. Há uma recorrência a ideia de ancestralidade. O que prova como o conhecimento é importante para o povo negro.

Observando a afirmação da mulher de não querer ser associada a ideias (através de palavras) que tanto machucam e recriminam as mulheres negras, a autora transforma e apresenta como o seu povo é corajoso e tem poder de mudar os pensamentos da sociedade racista e opressora.

A vigésima quarta estrofe apresenta uma mulher com orgulho de ser negra que afirma sua beleza.

Não me chamo de morena
 Pois a minha aparência
 Contém a ideologia
 Da mais pura sapiência
 É dotada de intenção
 Com fim de libertação
 Cheia de resiliência.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 07)

A autora primeiramente traz a palavra “morena” para identificar que não só a palavra mulata é desrespeito contra a mulher negra e que existe uma quantidade de palavras que desrespeitam a negra. “Outro ponto são as palavras destacadas “ideologia”, libertação” e “resiliência” que nos apresenta, mais uma vez, todo o poder e pensamento da mulher negra.

A mulher negra que estuda, que se informa, que trabalha, escreve, é atriz, esportista, cientista, militante política. Vejamos o exemplo da autora negra Conceição Evaristo e da própria autora dos cordéis, entre várias outras mulheres exemplos, como Mariele Alves, vereadora do Rio de Janeiro, mulher negra, jovem, mestra em sociologia que era símbolo da mulher negra moderna. Ela foi calada (morta) por mostrar sua altivez e denunciar pessoas que matam jovens negros, tirando a oportunidade de uma geração de meninos e meninas negros pobres terem seus direitos como cidadãos plenos.

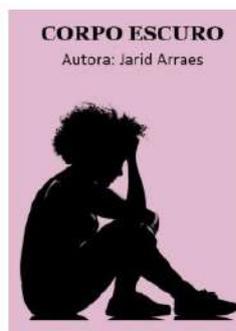
A penúltima e a última estrofe vêm apresentar e arrematar a descoberta da identidade da mulher negra a sua descoberta e transformação como negra e a mudança de opinião e suas novas conquistas por essa descoberta.

Eu sou negra e orgulhosa
 Não me chame de morena
 Eu sou preta e vigorosa
 Tenho garra pra lutar
 Para a todos ensinar
 Sempre bem esperançosa.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 08)

Essa minha identidade
 Possui força exemplar
 É firmada na coragem
 De unir e conquistar
 Resgatei minha raiz
 E agora eu sou feliz
 Pelo que posso contar.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 08)

Ao analisarmos a estrofe, percebemos que a mulher passou por um resgate de identidade e transformação de opiniões que fizeram com que mudasse sua vida. Palavras como “negra” e “preta”, intensificam o quanto a mulher representada nos cordéis está certa e convicta de ser negra e a sua felicidade é destacada com várias palavras de afirmação da identidade: coragem/unir/raiz/feliz/conquistar/posso.

O cordel a ser analisado, em seguida chama-se “CORPO ESCURO” e sua capa está exposta abaixo. Nele, a mulher tenta de todas as formas mudar a sua aparência e quando descobre que não se sente bem com seu novo corpo, tenta voltar ao que era antes e faz de tudo para mudar a sua aparência.



Na vigésima estrofe, a mulher cuja cor da pele tinha mudado começou a perceber o que tinha de errado quando viu sua mãe triste, que não parecia, mas com a sua família, então ela compreendeu e sentia-se triste e decepcionada com o que tinha feito com seu cabelo e sua pele.

Mas agora se sentia
 Muito triste e desolada
 Vendo sua mãe distante
 Sempre tão decepcionada

Não podia consertar
 Não podia mais mudar
 Aquilo que se tornava.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 06)

Esta estrofe é primorosa porque nos remete à problemática da representatividade que por vezes não existe em relação à beleza da mulher negra. Existe uma ditadura modelo do corpo jovem, magro, belo, da cor branca, do cabelo liso, como se houvesse um padrão a ser seguido. A mídia cuida de naturalizar este ideal de beleza que faz com que muitas mulheres que não tem o biótipo "ideal" se sacrifiquem para obtê-lo e com a conscientização e observação de que não serão aceitas não sendo autênticas, sofrem pelo que se tornaram. Neste momento, vemos o caráter didático, pedagógico do folheto. A autora tenta alertar as mulheres negras para não necessidade de seguir um padrão imposto.

Na vigésima terceira estrofe, a autora apresenta o arrependimento da mulher e a percepção de que ela estava negando não só a sua família mas também o seu povo.

Jana agora compreendia
 A beleza que ela teve
 Que não era apenas dela
 Nem só nela se deteve
 A família era inteira
 Sua inspiração primeira
 Mas daquilo se absteve.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 06)

Na estrofe, a palavra destacada "compreendia" leva o leitor a pensar em como a falta de conhecimento leva uma mulher a fazer tantas coisas com sua pele e que depois da descoberta de sua identidade, esta mesma mulher compreende o quanto sua cor era bonita e que o que fez foi uma verdadeira mutilação no corpo e mais ainda na sua alma.

O cordel continua a nos contar o arrependimento da mulher que tinha se transformado e tentou de todo modo mudar o seu branqueamento e depois de muito sofrimento conseguiu escura ficar.

Na vigésima oitava estrofe a cordelista conta a felicidade que a mulher sentiu quando sua cor normal conseguiu, dando valor a sua família e principalmente a sua mãe.

Toda a sua aparência
 Tinha voltado ao normal
 Novamente era escura
 Com cabelo natural
 Muito como a mãe amada
 Que ficou emocionada
 Por de novo ser igual.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 08)

A mulher estava feliz por conseguir seu cabelo e cor de volta, assim como a sua identidade de mulher negra e alcançou a cor da sua mãe que se sentiu orgulhosa pela sua filha.

No cariri e no mundo
 É escura essa lição
 Com palavras em negrito
 E sem padronização
 Toda Jana tem beleza
 Tem a forma de Tereza
 E também tem perfeição.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 08)

Ao invés de branquear
 E mudar a pele escura
 Que se crie um tratamento
 Pra mudar a estrutura
 Da mente robotizada
 Pro racismo programada
 Afundada na loucura.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 08)

A autora destaca as palavras “escuras” e negritas”, para mostrar ao leitor e levá-lo a perceber que tentam colocar muitas nuances à pele negra, mas o ser negro nos mostra que a beleza existe em cada mulher. O preconceito só existe porque a nossa sociedade não enxerga o quanto a mulher negra tem valor, e como diz no cordel o racismo vem programado na cabeça das pessoas

A cordelista dá à palavra preconceito, racismo entre outros, relevância porque no imaginário popular a mulher negra é vista como feia, suja, escrava sexual, uma mulher que sempre vai servir ao homem ou a mulher branca, que trabalha em casa de família ou que é louca. Esta visão popular reflete da cultura popular de um certo local, ou seja, de uma certa região onde são contadas histórias passadas de pai para filho, ou seja, de geração á geração.

As meninas vão crescendo
 Aprendendo o que não presta
 Vão achando dos cabelos
 Uma ideia desonesta
 Na torpe separação
 Nessa branca enquadração
 Asquerosa da mulesta.
 (ARRASE, Jarid, 20--?, p. 02)

Na quarta estrofe, a cordelista mostra como desde crianças as meninas são afetadas com o preconceito pelo seu cabelo ser cacheado, as palavras “não presta”, “desonesta”, “asquerosa” são palavras negativas que tem intenção de afetar ou provocar. A palavra “branca” e “enquadração” no contexto significa que a todo custo tentam mudar o perfil da mulher negra de modo que todas elas tenham o mesmo padrão dos brancos que a sociedade insiste que é o único a ser seguido.

A estrofe nos leva a refletir como a mulher negra desde a fase infantil sofre com o preconceito étnico e com a ideia de que por ela ser negra é diferente do que a sociedade quer impor a todo custo, colocam na sua cabeça que ela tem que ser branca para ser aceita e para isso ela vai ter que sofrer, perder a sua identidade e ferir violentamente sua alma para viver aquilo que é imposto a ela. A cordelista ,a todo tempo, tenta sempre mostrar que é uma ideia ruim e que não vale a pena passar por isso, de uma forma que a menina iria sofrer por tudo que está acontecendo.

Esse tipo de veneno
 É um mal muito profundo
 Pois mutila a autoestima
 Torna o ódio mais fecundo
 E a menina a se odiar

Tudo nela quer mudar
 Para se encaixar no mundo.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 02)

Nessa sexta estrofe, a cordelista indignada tenta contestar questionando sobre: que mundo é esse que vivemos em que uma criança tenha que se mutilar ou se odiar para que as pessoas a tratem de uma forma especial? Essa palavra “mutilar” define o quão grave é o preconceito das pessoas não só com crianças mas também com as mulheres negras adultas que crescem com uma ideia totalmente diferente do que elas acreditam para conseguir a aprovação de algumas pessoas, aquelas que julgam e maltratam até com a forma de olhar pelo simples fato da mulher não ser da cor que eles padronizaram como a cor certa ou o cabelo ideal.

Em todo seu cordel, a autora vem mostrando o quanto o racismo é opressor, agressivo, odioso, terrível, dominador, invasivo, entre outros adjetivos nomeados no decorrer de todo o seu cordel.

No segundo cordel analisado “FILHA DE PRETA PRETINHA É” encontra-se várias estrofes que falam e mostram o preconceito vivido.

Mas aquela tal escola
 só continha gente branca
 bem rica e sofisticada
 La no alto das tamanca
 vida boa e abastada
 sem conhecer a retranca.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 02)

Era esse o tal motivo
 para Carla perturbar
 Pois ali ser diferente
 Não devia se almejar
 Já que dava em solidão
 Excluída, sem falar.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 03)

Na sétima e oitava estrofes, a autora mostra que uma adolescente negra por estudar em escola de “gente branca” sofria preconceito e vivia refugiada na solidão e até rejeitada por não ter a cor ou o cabelo perfeito, ela queria mudar sua

personalidade e identidade e não importava as consequências que ela iria sofrer, o que importava era apenas que fosse aceita na escola em que estudava. Por sofrer tanto preconceito, ela queria ser tratada por igual e não aceitava a cor que ela tinha, nem seus cabelos e até os traços faciais. Esse é um tipo de preconceito que afeta muito psicologicamente uma pessoa, que faz ela sentir ódio de sua própria naturalidade a ponto de querer mudar toda sua aparência física.

Sua mãe, dona Cilene
 Muito bem se recordava
 De quando era uma mocinha
 Que também se odiava e
 sofria o preconceito
 Que o ódio lhe marcava.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 03)

A décima estrofe vem para retratar que o preconceito racial que sua filha estava vivenciando, também fez parte de sua juventude, percebemos que o preconceito como muitos sabem atravessou gerações, mas o questionamento que se faz é que diante de tantas lutas e combates contra esse tipo de discriminação como ainda pode existir tantos que embora não reconheçam praticam esse tipo de atitude? Devemos acima de tudo fazer com que essa situação se converta e como seres humanos não devemos distinguir cor ou raça e sim viver para chegarmos a uma igualdade social e cultural.

Sua mãe então contou
 Toda a dor que ela sentia
 Quando era uma mocinha
 E xingada ela crescia
 sendo alvo de racismo
 Dia e noite, noite e dia.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 05)

A décima sexta estrofe apresenta de forma explícita a dor que o preconceito provocava não só com a mãe, mas com sua filha também, ser “xingada” significa ser agredida por palavras, que machucam e ferem a mulher negra a ponto de mudar toda a sua identidade para se adequar aquele ambiente ou situação.

Ainda sobre a temática, a cordelista narra a história de uma adolescente de quinze anos que desde sua infância sempre desejou alisar os cabelos, não gostava de seus traços faciais e de sua cor, tudo nela era motivo para mudança e sua mãe sempre preocupada com o que poderia estar influenciando a sua filha negativamente, então ela percebeu que na escola que sua filha frequentava tinha apenas pessoas brancas, ricas e bem sofisticadas e sua filha sofria muito preconceito justamente por ser diferente das outras meninas que sempre se mostravam muito bem vestidas e de cabelo louro. A partir de então sua mãe lembrou-se da época em que também foi vítima do mesmo preconceito e resolveu ajudar a filha para que ela pudesse lidar com as pessoas preconceituosas e racistas de sua escola, mostrando-a um álbum de fotografias em que a mãe está com o cabelo liso e triste, e diante desta foto as duas resolvem fazer um acordo para não alisar mais o cabelo e deixar o seu que era crespo crescer para experimentar como seria bom tê-los natural, ambas sempre amigas leram sobre o racismo e discutiram sobre esse tema que estudaram desde a África antiga até os dias atuais.

O terceiro cordel analisado “NÃO ME CHAME DE MULATA” mostra o preconceito por trás de uma palavra pela qual, muitas pessoas ainda são chamadas a palavra é: mulata que serve para identificar uma mulher negra miscigenada.

Tomarei como um exemplo
A palavra de “mulata”
Revelada a sua origem
Que me fez estupefata
Pois compara com jumento
Com racista entendimento
A gente miscigenada.
(ARRAES, Jarid, 20--?, p .01)

Nessa segunda estrofe a palavra mulata começa a ser explicada pela autora, que fica tão surpresa quando descobre que por trás dessa palavra existe uma história antiga de preconceito étnico, um tipo de preconceito que faz tão mal quando praticado, pois é comparado a um animal no caso o “jumento” que é uma palavra nordestina com o significado de um asno ou burro, é um animal que suporta muito peso e é utilizado principalmente na região do Nordeste para

carregar muito peso isso acontece principalmente na zona rural. Ao analisar a palavra mulata também é referida a pessoas miscigenadas, uma mistura de várias raças, cujos costumes de cada uma se misturam e o Brasil é constituído de pessoas miscigenadas então o porquê de ser chamada de mulata por ser uma mistura de raças? Porque o preconceito é existente em todos os lugares.

Se você não conhecia
 Eu lhe posso explicar
 Que mulata se dizia
 Com o fim de debochar
 O termo pejorativo
 Era depreciativo
 Sem noção de respeitar.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 01)

Na terceira estrofe, a cordelista dá uma contextualização sobre a palavra mulata por ter se originado com a intenção de zombar, depreciar e desrespeitar a imagem da mulher negra, uma forma de discriminação racial, uma forma de a sociedade preconceituosa julgar a pessoa por não ter a cor que é definida pela sociedade que é justamente a cor “clara”. Pela mulher negra ser de outra cor ela é desrespeitada e tratada com desigualdade social.

É verdade que hoje em dia
 No Brasil é proibido
 O racismo já é crime
 Mas não é nada escondido
 Pois a imagem da mulata
 Hoje ainda nos relata
 Tal racismo aludido.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 03)

Na oitava estrofe a autora explica que no Brasil, o racismo é crime, mas essa prática de discriminação social ainda vem agredindo e ferindo várias pessoas, porém de forma oculta e que muitas vezes, a imagem da mulata vem para retratar o racismo que acontece e sempre é mencionado, o preconceito com as mulheres negras no Brasil é existente e real, mesmo que seja crime sempre vai existir enquanto não houver pessoas focadas em mudar sua forma de ver e de julgar as pessoas.

Se tiver a pele clara
 o cabelo encrespado
 Sendo meio “moreninho”
 E com nariz achatado
 Vai sofrer com o racismo
 Nesse mundo de cinismo
 Porcamente enquadrado.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 03)

Na décima estrofe, a autora vem mostrar que o racismo surge em diversos aspectos e ambientes, mesmo sendo de cor clara mas com os traços de uma pessoa negra como ela relata vai sofrer preconceito, a palavra moreninho é um diminutivo que inferioriza a pessoa por ela ter nascido de pele clara mas com traços de negra, a autora continua com a sua revolta sobre todo tipo de preconceito étnico racial que mostra uma sociedade cínica e hipócrita palavras essas com um peso muito grande, que indica inquietação e insatisfação com todo o preconceito na sociedade em que vivemos.

O problema, realmente
 na mistura não consiste
 mas é na mentalidade
 que o racismo ainda existe
 julgando que é um problema
 e fazendo de um dilema
 essa cor que a pele exhibe.
 (ARRAES, Jarid, 20--?, p. 04)

Na décima segunda estrofe, a cordelista diz que o problema do preconceito está realmente na cabeça das pessoas que pensam sempre em ser superiores e vivem julgando as pessoas por sua cor, subentende que enquanto a sociedade não mudar a sua forma de pensar o preconceito sempre existirá e que significa que temos que lutar para mudar esse tipo de comportamento desigual entre os seres humanos.

O tema que deu origem a este cordel “NÃO ME CHAME DE MULATA” relata a história do significado da palavra “mulata” que é de origem agressiva e surgiu com o racismo, para tratar as pessoas negras como animais, viria do termo mula que poderia carregar muito peso. A autora explica sobre tudo que é

chamado de mulato quem tinha pais com cores diferentes e deles nascia uma criança negra que é chamada no cordel de mulatinho e moreninho. No decorrer da história, a cordelista explica que o negro tem tantos nomes por imposição do racismo que quer de todas as formas configurar de brancas as pessoas negras e que ainda assim, o racismo nunca deixou de existir na cabeça de muitas pessoas quando alguém é considerada negra.

No presente folheto “CORPO ESCURO”, temos um cordel que chama atenção por se tratar de uma estória que é contada no futuro, e por incrível que pareça neste futuro, existia racismo. A autora começa contando a história de uma mulher negra que não aceitava a sua cor de pele e a sociedade também a ignorava, uma mulher que trabalhava em casa de família como faxineira e juntava seu dinheiro suado, pois a ciência tinha criado uma máquina que clareava a pele negra. Podemos ver que o racismo era tão grande e afetavam tanto as pessoas que até mesmo uma máquina foi criada para branquear a pele escura. E então a mulher não gostava do tom de sua pele e resolveu branquear sua pele, depois que o tempo passou, a personagem chamada Jana sofreu muito por sua pele ser branca, pois em qualquer situação a nova pele não se adaptava, nem mesmo com o sol, até que um dia Jana percebeu as consequências e se arrependeu porque sua pele era a sua principal beleza e a fortificava em tudo que ela fazia, entretanto o tempo já tinha se passado e ela não tinha como voltar atrás.

A autora nos permite observar através dos cordéis analisados, a história da mulher negra e o que cada personagem passou por alguma experiência para que entendesse que não existe a cor de pele mais bonita, nem o cabelo ou seu corpo, que todas as mulheres são perfeitas do jeito que são, dão a volta por cima e descobrem a sua identidade dentro de tantas dificuldades que o mundo traz, diante de tantos preconceitos existentes na sociedade e que sempre temos que lutar pelo que acreditamos e só assim iremos encontrar a verdadeira felicidade, descobrindo a identidade negra de cada uma das mulheres espalhadas no Brasil e no mundo.

A quinta estrofe analisada identifica o preconceito da personagem por ela ser de pele escura e com cabelos “ruins”, a palavra “impactante” veio para demonstrar como a pele escura da mulher negra afetava diretamente tanto a

sociedade a modo de incomodar, perturbar, irritar entre outras a sociedade racista a ponto de querer alisar o cabelo e clarear a todo custo a sua pele para ficar parecida com pessoas “brancas”.

Mas a Jana se odiava
Se achava muito feia
Não queria aquela pele
Do cabelo estava cheia
Almejava a cor bem clara
A mudança na sua cara
Feito a luz duma candeia.
(ARRAES, Jarid, 20--?, p. 02)

A oitava estrofe exhibe uma mulher que se encontra tão abalada com o preconceito vivido que passa a se odiar por ser negra. Tudo que ela queria conquistar era uma pele com a cor branca. Como várias mulheres podem se odiar tanto ao ponto de querer mudar sua pele? Tantos preconceitos vividos, a tempo de revolta? Várias mulheres não passaram e ainda hoje nos dias atuais as mulheres passam por ter uma cor diferente, uma cor que não era para ser considerada desigual socialmente e sim uma cor comum para todos?

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cordéis analisados podem nos possibilitar a conclusão de que a mulher negra na literatura de cordel é vista de várias maneiras. A primeira que identificamos é a mulher estereotipada, a mulher negra sempre vista de forma diferente pela sociedade que a todo instante julga do ponto de vista social e intelectual. As mulheres negras destacadas nesta análise são tratadas como um objeto de chacota, inferior pois sua cor, seu cabelo entre tantos outros adjetivos que humilham as negras e que a sociedade impôs.

A influência que os cordéis terem na nossa sociedade é grande e parte de seu imaginário popular, atribui-se a mulher negra como escrava, escrava sexual, animal entre outros já citados, concluindo que a mulher negra no Brasil é vista da maneira que a sociedade impôs e a sua própria cultura da escravidão.

O que se pode afirmar é que há um *status* social cristalizado sobre esta etnia, que está longe de acabar. O poeta popular segue uma cultura que é estabelecida por uma sociedade totalmente preconceituosa e que a etnia é vista diferente o negro (a) serão vistos de maneira e forma negativa.

Contudo, com o presente estudo, vimos que está surgindo uma literatura de cordel diferente com o imaginário voltado para a mulher negra não mais escrava e sim a mulher batalhadora que lutou muito para conquistar o seu lugar na sociedade e ainda tenta, vencendo barreiras colocadas em seus caminhos e ensinando para outras mulheres negras como podem se sobressair de todo o preconceito existente no Brasil.

Este trabalho apresenta essa nova ótica, uma nova maneira de observar a literatura de cordel que exprime, o quão a mulher negra é vista em uma sociedade que até então visava a mulher de forma totalmente preconceituosa e machista e com esse novo estilo, inovador do cordel, pode transformar e mudar muitas vidas e opiniões. A literatura de cordel que oferece a ideia de quebra de paradigma e visão positiva de determinada realidade poderá ajudar e servir para futuros pesquisadores, desenvolverem análises de sentido mais positivos, deixando de lado apenas o sentido diagnóstico.

Assim, este estudo expondo a análises de cordel da autora Jarid Arraes, retrata a vida de várias mulheres negras que sofreram e conseguiram vencer, serem aceitas no mundo cheio de preconceito. Analisando os cordéis de Jarid Arraes vimos que a mulher negra sempre é citada pela sua historia de vida, cada cordel inicia sua história tratado sempre com indiferença e com intenção de provocar o leitor para que atenciosamente perceba todas as suas críticas e ironias sobre a mulher negra e como sua identidade é afetada em cada parágrafo e linhas escritas.

A autora sempre identifica e trata do racismo em seus cordéis, comparando- os a palavras que tem fortes significados e principalmente como abalam a sociedade, uma sociedade que tem e vivem cheios de preconceitos com todos os tipos de pessoas, neste trabalho vamos analisar a mulher negra e como ela foi afetada com os preconceitos machistas, que sempre intensificam seus traços, origem, cor da pele, como se vestem e suas religiões como algo que

não vale a pena, como se uma cor fosse a única certa ou religião até suas vestimentas a sociedade quer impor sobre o que é certo ou errado em todos os aspectos citados.

Jarid vem para quebrar esse tabu com a figura histórica da mulher negra, a forma de pensar e como ela escreve seus cordéis são diferentes de vários estudados e analisados, porque a cordelista trata sempre da mulher negra sofrendo o preconceito e no decorrer do cordel vai quebrando as barreiras existentes e mostrando de maneira agressiva a maneira de lutar contra toda forma de preconceito existente.

A autora reafirma dados da realidade que dão conta de que a mulher está se impondo, buscando seu lugar na sociedade e a cada dia mais ganhando seu espaço e lutando pelos seus ideais.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. 8. ed. Brasiliense, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: UnB, 1998.

CASCUDO, Luis da Câmara, **Literatura Oral no Brasil**. 3. ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **Antiguidade**. Porto: Afrontamento, 1990. v. 1. (Coleção História das mulheres no Ocidente).

<http://jaridarraes.com/cordel/> Acesso: 04 de agosto de 20017

MELLO, Beliza Áurea de Arruda. **Redemoinhos na encruzilhada do imaginário ibero-paraibano: pactos da mulher com o diabo do medieval aos folhetos de cordel**. 1999. 559f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999. Mimeo.

SOUSA, Francinete Fernandes. **A mulher negra mapeada: trajetos do imaginário popular nos folhetos de cordel**. 2009. Tese (Doutorado literatura e cultura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.